

Reflexões sobre narrativas ambientais e seu potencial educativo: o documentário Oceanos de Plástico¹

Reflections on environmental narratives and your educational potential: the documentary A Plastic Ocean

Gisele Gabriel

Doutoranda e Mestra em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba (Uniso).

Email: gisele83gabriel@gmail.com

Resumo

O cinema pode ser uma importante fonte de conhecimento e reflexão, assim, as narrativas ambientais, por meio da linguagem cinematográfica, podem possibilitar novos caminhos para aprendizagem ao oferecem elementos de significado. O presente artigo busca refletir sobre como o audiovisual pode favorecer nosso olhar acerca da problemática ambiental em que nos encontramos. Para tanto, optou-se pelo documentário Oceanos de Plástico (2016), o qual aborda o impacto devastador que o lixo plástico causa ao meio ambiente. Como aporte teórico, nos amparamos em Walter Benjamin (1987), sobre narrativa; Paulo Freire (1983), sobre educação dialógica; na esteira educacional, Ismar de Oliveira Soares (2016, 2014); e para refletir sobre o fenômeno comunicacional, as contribuições de Ciro Marcondes Filho (2013) são fundamentais. O cuidado com o futuro da natureza e da humanidade brota da ética, que brota da educação. O saber da experiência na aprendizagem e a busca por possibilidades ou estratégias para sensibilizar frente às questões ambientais é indispensável e urgente.

Palavras-Chave

Narrativa ambiental; Educação dialógica; Educomunicação; Audiovisual; Oceanos de Plástico.

Abstract

The cinema can be an important source of knowledge and reflection, thus, environmental narratives, through cinematographic language, can enable new paths for learning by offering elements of meaning. This article search to reflect on how audiovisual can favor our view of the environmental issue in which we find ourselves. Therefore, we opted for the documentary A Plastic Ocean (2016), which addresses the devastating impact that plastic waste cause on the environment. As a theoretical contribution, we rely on Walter Benjamin (1987), about narrative; Paulo Freire (1983), about dialogical education; Ismar de Oliveira Soares (2016, 2014), about educommunication; and to reflect on the communicational phenomenon, the contributios from Ciro Marcondes Filho (2013) are fundamental. Care for the future of nature and humanity stems from ethics, which stems from education. Therefore, the knowledge of the learning experience and the search for possibilities or strategies to raise awareness of environmental issues is indispensable and urgent.

Keywords

Environmental narrative; Dialogical education; Educommunication; Audiovisual; A Plastic Ocean.

Introdução

Para além do lazer, o cinema pode ser uma importante fonte de conhecimento e

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

reflexão. As narrativas ambientais, por meio da linguagem cinematográfica, podem possibilitar novos caminhos para aprendizagem ao oferecerem elementos de significado, além de contribuir para o desenvolvimento da dialogicidade e para a formação de cidadãos mais críticos, capazes de atuar em diferentes esferas da sociedade.

Nesse sentido, busca-se refletir sobre como o audiovisual pode favorecer nosso olhar acerca da problemática ambiental em que nos encontramos, como por exemplo, a questão da poluição do plástico. Paisagens repletas de embalagens plásticas se tornaram comuns em muitas partes do mundo. Descartados, muitas vezes, de maneira inadequada, os plásticos fazem parte do nosso cotidiano. Para tanto, optou-se pelo documentário *Oceanos de Plástico* (2016), dirigido pelo jornalista Craig Leeson, o qual traz em sua narrativa uma importante mensagem sobre o impacto devastador que o lixo plástico causa ao meio ambiente e dos problemas gerados quando estes vão para o mar, representando um perigo para os animais marinhos e para a saúde humana.

O documentário *Oceanos de Plástico* (2016) denuncia como o nosso estilo de vida está prejudicando a natureza. Uma expedição ao redor do mundo captura imagens da vida marinha nunca vistas antes, contudo os resultados da poluição por plástico são surpreendentes. Para documentar os efeitos globais da poluição do plástico, foram quatro anos de filmagens e 20 locais visitados ao redor do mundo.

O presente trabalho ampara-se em Walter Benjamin (1987), sobre narrativa; Paulo Freire (1983), sobre educação dialógica; na esteira educacional, Ismar de Oliveira Soares (2016, 2014); e para refletir sobre o fenômeno comunicacional, as contribuições de Ciro Marcondes Filho (2013) são fundamentais.

O papel das narrativas para uma educação dialógica

O ensaísta Walter Benjamin (1987) nos faz refletir sobre a importância do narrador. Ele diz que, embora o nome seja bastante familiar, narradores estão quase inteiramente confinados ao passado. Nos dias atuais, a arte de narrar está morrendo. Uma das causas para isso, de acordo com Benjamin, é que parece que não temos mais a capacidade de compartilhar nossas experiências, sendo esta a fonte de todas as narrativas.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias [...] (BENJAMIN, 1987, p. 198-199).

Todas as narrativas contêm algo útil. Para Benjamin, o narrador pode ser comparado a professores e sábios, pois ele sabe dar conselhos e tem o dom de relatar tanto a sua experiência como a dos outros, ou seja, narrativa é a capacidade de trocar experiências. Por isso, Benjamin lamenta que ela esteja sendo tirada de nós. Para ele, o silêncio deixado na

ausência do narrador foi impregnado de informações (BENJAMIN, 1987).

O fluxo interminável de ocorrências e o excesso de explicação diante de nós deve-se ao fato de que “a informação só tem valor no momento em que é nova”. “Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”. Enquanto a narrativa não exige plausibilidade ou conformidade com as leis da realidade, a informação deve ser plausível e estar em conformidade com tais leis (BENJAMIN, 1987, p. 204).

As narrativas são construídas a partir da ambiguidade, da capacidade de possuir uma infinidade de significados ao mesmo tempo. Vale destacar ainda que, as narrativas surgem da ociosidade. Sua criação e transmissão dependem de momentos de quietude. Nas palavras de Benjamin (1987, p. 204-205):

[...] Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menos sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.

Benjamin destaca ainda o romance, como uma das principais causas do declínio da narrativa, e os vê completamente separados das narrativas. Para ele, os romances são totalmente dependentes do livro, não vem da tradição oral, nem entra nela. Porém, Benjamin não os desvaloriza, apenas os vê desconectado do valor das narrativas. Apesar dos romances mostrarem a confusão da vida, aos olhos de Benjamin, eles não são e não podem ser veículos para a disseminação de sabedoria – a diferença entre o romancista e o narrador é a sua relação com os leitores e os ouvintes (BENJAMIN, 1987).

Um narrador nasce a partir de interações sociais e experiências. Suas histórias são uma mistura das próprias experiências e das dos outros. Narrativas são capazes de produzir diálogo, além de envolver conexão e doação. Em contraste, o romancista está isolado, ele não tem nenhum conselho a dar, ou seja

[...] o romance não é significativo por descrever pedagogicamente um destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, pode dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino. O que seduz o leitor no romance é a esperança de aquecer sua vida gelada com a morte descrita no livro (BENJAMIN, 1987, p. 214).

Benjamin (1987, p. 215) afirma que “o primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas”, pois ele sabia dar um bom conselho.

O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para liberta-se do pesadelo mítico. O personagem do “tolo” nos mostra como a humanidade se fez de “tola” para proteger-se do mito; o personagem do

irmão caçula mostra-nos como aumentam as possibilidades do homem quando ele se afasta da pré-história mítica; o personagem do rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo mostra que as coisas que tememos podem ser devassadas; o personagem “inteligente” mostra que as perguntas feitas pelo mito são tão simples quanto as feitas pela esfinge; o personagem do animal que socorre uma criança mostra que a natureza prefere associar-se ao homem que ao mito. O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando hoje às crianças, que o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância. (Assim, o conto de fadas dialetiza a coragem (*Mut*) desdobrando-a em dois pólos: de um lado *Untermut*, isto é, astúcia, e de outro *Ubermut*, isto é arrogância). O feitiço libertador do conto de fadas não põe em cena a natureza como uma entidade mítica, mas indica a sua cumplicidade com o homem liberado. O adulto só percebe essa cumplicidade ocasionalmente, isto é, quando está feliz; para a criança, ela aparece pela primeira vez no conto de fadas e provoca nela uma sensação de felicidade (BENJAMIN, 1987, p. 215).

Retomando a pobreza de experiência, Benjamin aponta também como causa possível os horrores da Primeira Guerra Mundial. Os combatentes, ao voltarem da guerra, estavam “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (BENJAMIN, 1987, p. 115).

Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 1987, p. 115).

No decorrer da reflexão sobre a narrativa benjaminiana, percebe-se que além do bombardeio de informações, temos uma imensidão de distrações presentes no nosso dia a dia, o que contribui com a falta de ócio da mente e resulta também na pobreza de experiência. O tempo todo buscamos nos ocupar com algo, pois o tédio não é aceitável. Além disso, a sociedade, por conta de seu estado industrializado, muda tão rapidamente que a experiência do passado não pode mais ter muito efeito sobre o presente. E histórias devem ser recontadas. Como resultado, há um acúmulo de diferentes camadas de recepção em cada narrativa. A memória, fundamental no ato de narrar, gera a tradição que percorre entre gerações. Ao contrário dos historiadores, que buscam explicar os acontecimentos, os narradores os transformam em modelos.

Apesar da afirmação de Benjamin que narradores são cada vez mais raros, podemos encontrá-lo, por exemplo, em Paulo Freire. Freire retirou de suas experiências reflexões sobre a educação, as quais nos são apresentadas como conselhos. As contribuições de Freire para o cotidiano escolar se referem à defesa de uma pedagogia humanista e libertadora. Enquanto Benjamin nos faz refletir sobre o futuro do narrador, Freire aponta caminhos para uma educação pautada pelo diálogo.

Em a *Pedagogia do Oprimido* (1983), somos apresentados a concepção bancária da educação como instrumento de opressão, vista apenas como um ato de depósito, ela anula totalmente o educando, visto como um sujeito passivo, o protagonismo é exclusivamente do professor. Assim, sob a ótica bancária da educação, não há troca, não há diálogo, não há criatividade, não há saber, não há transformação, somente alienação.

Em suma, a educação bancária ocorre quando o educador se coloca como detentor de todo o conhecimento, e como autoridade absoluta dentro da sala de aula. Em contrapartida, a dialogicidade é a essência da educação libertadora. Ela não oprime.

Para Freire (1983), o diálogo se faz numa relação de troca entre educador e educando. Tanto o diálogo quanto a escuta entre as pessoas é um compromisso para a libertação e para consciência crítica da realidade.

As ideias freirianas sobre a interface Comunicação e Educação têm sido fontes inspiradoras para a adoção da perspectiva dialógica no uso dos diversos meios de comunicação, levando à necessidade de se repensar a própria educação do ponto de vista da gestão dos processos de comunicação inerentes aos atos de ensinar e aprender (SOARES, 2014, p. 26).

Admitida como um espaço de convivência humana e de gestão comunicativa, a educomunicação fez surgir também um novo profissional, o educador. O educador, para a educomunicação, deve se transformar em um gestor de processos comunicativos. Ele deve levar em conta o diálogo aberto e criativo, além de planejar, coordenar, implantar e avaliar práticas pedagógicas, ponderando a mediação dessas práticas pelas tecnologias – analógicas e digitais (SOARES, 2014).

A Educomunicação é assumida como um paradigma que orienta o planejamento e a implementação de ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos, visando a autonomia comunicativa dos sujeitos da Educação (professores e alunos), quer enquanto construtores de relações de convivência, enquanto produtores de mensagens ou como usuários dos sistemas de informação (SOARES, 2016, p. 19).

Nessa perspectiva, assim como a educação libertadora de Freire, a educomunicação se faz a partir do diálogo e da análise crítica. O que importa não é a ferramenta, mas sim como as tecnologias são compreendidas e utilizadas. Portanto, a pergunta é por aquele que opera a máquina e “sua capacidade de democratizar o acesso aos instrumentos, ampliando seus usuários e socializando os protagonismos, em função de temas de interesse coletivo” (SOARES, 2016, p. 21-22).

A educação para a mídia, sob a ótica da educomunicação, pode auxiliar na formação de sujeitos mais conscientes e participativos dos processos de mediação. Assim, a comunicação passa a ser vista como um fenômeno humano e político.

Para o exercício de seu escopo, o conceito da Educomunicação pressupõe, contudo, a autonomia epistemológica de sua ação, uma vez que busca sua sustentação não exatamente nos parâmetros da Educação (em suas filosofias ou didáticas) ou, mesmo, da Comunicação (em suas teorias e práticas), mas na interface entre ambas (o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais). No caso, a Educomunicação dialoga com a Educação, tanto quanto com a Comunicação, ressaltando, por meio de projetos colaborativamente planejados, a importância de se rever os padrões teóricos e práticos pelas quais a comunicação se dá. Busca, desta forma, transformações sociais que priorizem, desde o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação (SOARES, 2014a, p. 23-24).

Fica patente, portanto, que é necessário educar para transformar, pois o cuidado com o futuro da natureza e da humanidade brota da ética, que brota da educação. O arco narrativo do

documentário *Oceanos de Plástico* (2016), com sua denúncia ambiental, amplia-se de ferramenta comunicativa a potência educativa.

A comunicação como acontecimento

Os fatos ou acontecimentos jornalísticos são estrondosos, ruidosos; são casos naturais, sociais ou artificiais. “Enquanto ocorrências singulares geralmente não deixam rastros. São rapidamente substituídas por outras, de igual impacto e intensidade”. Já o acontecimento filosófico, contudo, é aquilo provoca. Refere-se a algo fenomenal, imprevisível, irrepetível, único (MARCONDES FILHO, 2013, p. 6).

Para Ciro Marcondes Filho (2013, p. 7) “eu não sou apenas “atropelado” pelo Acontecimento. No momento em que ele ocorre, o sentido se constrói junto”. Em suas palavras:

É através dos possíveis que podemos chegar ao sentido do Acontecimento. Antes de ocorrer o Acontecimento, o mundo é um imenso emaranhado de “possíveis”. O Acontecimento, ao se realizar, compõe, a partir dos possíveis, a rede de sentidos que só ele agora valida. Ele recria retrospectivamente as causas, nós nos damos conta do sentido criado apenas a posteriori. Aqui se separa uma evolução esperada dos fatos de uma ocorrência efetiva de um Acontecimento. Na evolução esperada, há um possível pré-esboçado, previsível, aguardado, trivial (MARCONDES FILHO, 2013, p. 8).

Marcondes Filho (2013, p. 9) afirma que: “o Acontecimento é, assim, a realização possível do impossível”. Eles são caracterizados por serem únicos, imprevisíveis, ocultos; uma aventura à qual nos expomos à alteridade; reconfiguram o mundo e nos fazem renascer, pois não somos mais os mesmos depois dele. Contudo, o autor apresenta algumas diferenças entre o Acontecimento filosófico e o Acontecimento comunicacional:

Em primeiro lugar, a comunicação “não cai sobre nós”, nos atropelando. É diferente de um Acontecimento para os filósofos, um fato político-social, por exemplo, como o atentado às Torres Gêmeas, que caiu sobre todo o Ocidente, gerou um impacto informacional de primeira ordem. Todo o planeta voltou-se estupefato, pasmo, diante do acontecido. A ação teve forte efeito propagandístico: nos pressionou a acompanhar a notícia, a discutir o assunto, a seguir as repercussões. Mas foi, por isso mesmo, um Acontecimento que forçou as atenções, que atraiu o debate político mundial, representou uma provocação, um desafio (MARCONDES FILHO, 2013, p. 11).

É fundamental, no Acontecimento comunicacional, separar intencionalidade de decisão. “No processo da comunicação, o emissor, quando procura convencer outros, movê-los à ação, influir em seu modo de pensar, realizando sinalizações ativas, usa-se de intencionalidade”. O emissor tem como propósito influenciar, enquanto o receptor pode se abrir ou não a esses atos. A intencionalidade para ele será usada somente quando precisar saber de algo, ou seja, quando não houver um emissor lhe enviando sinais de captura (MARCONDES FILHO, 2013, p. 11).

No âmbito da comunicação, “é somente nas práticas propagandísticas, publicitárias e na sedução que ocorre esse assalto à nossa intencionalidade; no mais das vezes praticamos nosso direito à escolha do que queremos ver, ouvir, presenciar”. De maneira oposta, “nos Acontecimentos para os filósofos, o princípio é o de que eles caem sobre nós, desabam sobre nossas cabeças, nos desorientam”. Para Marcondes Filho, os Acontecimentos comunicacionais provocam uma reação sincrônica (MARCONDES FILHO, 2013, p. 12).

Uma coisa é o efeito imediato, de choque, de impacto; outra, são as repercussões a longo prazo, as grandes mudanças históricas. É o caso da mudança tecnológica que está em marcha há cinco décadas e que vai provocar, a partir destas últimas duas décadas, transformações de efeito retardado inimagináveis a médio prazo. Comunicação é diferente da história. Ela detona, provoca um abalo e o resto da sociedade se recompõe a partir desse fato. Não se prevê as mudanças a longo prazo, mas constata-se uma trepidação inicial, as repercussões sobre a emoção e o pensamento. Há indícios claros de que algo de transformador está acontecendo, de que as pessoas estão diferentes (MARCONDES FILHO, 2013, p. 12).

Para que haja a comunicação como acontecimento devemos estar abertos e disponíveis para recebê-la. O acontecimento comunicacional é o fenômeno que vai conceder um sentido tão impar que pode até mesmo alterar a maneira de como percebemos o mundo. Como sujeitos porosos, podemos absorver a alteridade do outro e buscar diálogos possíveis, pois a comunicação está no centro de tudo o que fazemos, e é ela que nos permite estabelecer relações.

Sobre o documentário *Oceanos de Plástico*

O plástico é maravilhoso porque é durável, e o plástico é terrível porque é durável (Craig Leeson, *Oceanos de Plástico*, 2016).

Em 2011, na costa do Sri Lanka, no Oceano Índico, o jornalista Craig Leeson estava com sua equipe tentando obter imagens para um documentário sobre a baleia azul. Embora eles tenham conseguido, o que mais surpreendeu foi ver o fluxo de lixo presente ali (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

Figura 1. Cena do documentário *Oceanos de Plástico* (2016)



Fonte: Captura da imagem na internet

Aproximadamente oito milhões de toneladas de plástico são despejadas nos oceanos todos os anos, sendo que a maior parte não vem de barcos ou de embarcações oceânicas, mas sim de fontes terrestres, que seguem também para rios e riachos (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

O plástico causa grandes estragos. Por exemplo, as baleias ao se alimentarem absorvem grandes quantidades de água, junto com o que quer que esteja nela, e com isso acabam com o estômago repleto de plástico em vez de krill (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

Durante o documentário, compreendemos que também nos alimentos desses plásticos, pois os microplásticos já foram identificados em uma variedade de peixes e crustáceos disponíveis para consumo humano. Contudo, ainda não sabemos ao certo qual é a relevância toxicológica disso para a nossa saúde (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

À primeira vista, durante uma expedição em uma área do Oceano Pacífico Norte, o mar parecia estar totalmente livre de plástico. No entanto, quando uma rede de arrasto é lançada ao mar, a qual captura qualquer coisa maior do que uma cabeça de alfinete na água, um punhado de microplásticos surge. Portanto, a poluição de plástico é mais insidiosa do que parece. E não são apenas as espécies marinhas que estão ameaçadas, aves como o albatroz e a cagarra também sofrem por causa disso (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

Muitos pássaros morrem porque comem inadvertidamente pequenos pedaços de plástico ou microplásticos quando se alimentam de peixes. Eventualmente, seus estômagos estão totalmente cheios de plástico, vemos isso quando um pássaro é aberto. Antes mesmo de ser cortado, seu estômago está grande e duro, revelando uma variedade de plástico. Estima-se que noventa por cento de todas as aves marinhas ingeriram algum plástico (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

O documentário revela o esforço para remover o plástico que já está presente no oceano, porém, talvez a tarefa mais difícil e imprescindível seja interromper o fluxo massivo de plástico em direção ao oceano. Já que o plástico está em toda parte e a sociedade o consome de diversas formas, ou seja, é absolutamente impossível limpar todo o oceano devido à sua vastidão e a ampla distribuição de plástico.

O plástico é amplamente utilizado porque é durável e barato. E é essa durabilidade que o torna tão prejudicial ao meio ambiente, pois grande parte dos plásticos não se decompõe. Em vez disso, eles se dividem em pedaços cada vez menores que podem persistir no ambiente por um longo período de tempo (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

Em um ano, cada pessoa no planeta usará cerca de 150 quilos de plástico descartável. Só nos Estados Unidos, mais de trinta e oito bilhões de garrafas plásticas de água serão jogadas fora em um ano. Embora a quantidade de plástico produzida a cada ano já seja enorme, a produção deve triplicar até 2050, à medida que a população mundial aumenta (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

É dito no filme que algumas cidades aboliram o uso de sacolas plásticas, e também, que existe uma tecnologia para reciclar a maioria dos plásticos, a questão é conseguir a infraestrutura, sistemas e métodos de coleta para fazer isso em grande escala (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

Na Alemanha, uma lei em 1991 tornou os fabricantes responsáveis pela reciclagem ou descarte de qualquer material de embalagem que eles vendem. Isso levou a extensos programas de reciclagem, incluindo dispositivos do tipo máquina de venda automática em quase todos os supermercados, onde os consumidores podem depositar garrafas plásticas e receber alguns centavos por cada uma (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

O documentário também mostra um empreendimento social chamado *The Plastic Bank*², no Haiti. Lá, as pessoas podem trocar plástico por dinheiro ou bens necessários, assim, o plástico é reciclado e vendido para fabricação. Já para plásticos não recicláveis, uma nova tecnologia foi desenvolvida para convertê-los em combustível (OCEANOS DE PLÁSTICO,

² <https://plasticbank.com/haiti/>

2016).

Embora a questão da poluição por plástico já tenha sido abordada em muitos filmes/documentários, *Oceanos de Plástico* se destaca no que diz respeito à apresentação de fatos, informações e conexões significativas, que despertam um senso de responsabilidade; além de apontar as dificuldades de se escapar desse ciclo plástico.

A conclusão geral do filme é que enquanto os fabricantes e os usuários de plástico não trabalharem juntos, a preservação da saúde humana e de ecossistemas que a sustentam, está em risco. Para se alcançar isso, é necessário investir em intervenções que buscam diminuir o fluxo de plástico e que auxiliam em melhorias na coleta de lixo. Já que ações individuais nunca serão suficientes para solucionar a crise da poluição por plástico.

O documentário ao apresentar os problemas da atualidade, ao envolver cientistas e atores de várias esferas da sociedade, nos faz refletir sobre as questões ambientais e sobre o nosso papel diante o futuro do planeta. Compreende-se, portanto, que as construções narrativas dos documentários, com sua abordagem visual e auditiva, apresentam grande potencial para alcançar e influenciar uma ampla gama de pessoas em relação à crise ambiental.

Num mundo tão agitado e de múltiplas linguagens, para que possamos desenvolver nossa capacidade de atuar como indivíduos e integrantes da sociedade, devemos nos aprofundar em informações concretas e tecer costuras mais complexas para abertura de diálogos, reflexões e troca de ideias, pois aprendemos continuamente uns com os outros.

Considerações finais

Vivemos em um mundo de plástico. Sacolas de supermercado, garrafas de bebida, escova de dente são alguns dos itens de plástico que estão presentes no nosso cotidiano. Produzimos plástico em massa desde os anos 1950 e continuamos a produzir centenas de milhões de toneladas de plástico todos os anos, e a tendência é só aumentar. Infelizmente, a maior parte é usada apenas uma vez e depois jogada fora. Apenas uma pequena proporção de plástico é reciclada. A maioria acaba em aterros ou, na pior das hipóteses, nos oceanos. Não existe uma solução rápida para um problema que cresceu enormemente nas últimas décadas. O uso de plásticos está tão arraigado na sociedade que é quase impossível eliminá-los completamente (OCEANOS DE PLÁSTICO, 2016).

O potencial educativo do documentário *Oceanos de Plástico* (2016) relaciona-se a promoção da conscientização e da sensibilização ambiental. As belas cenas do ambiente marinho apresentam um contraste com as cenas de cidades poluídas e lixões abarrotados de lixo plástico. A justaposição entre essas imagens passa a mensagem de que nossas ações e escolhas podem impactar severamente o planeta. E, se considerarmos sobre esse senso prático tecido ao ato de aconselhar, conforme se refere Benjamin (1987), o documentário possui a capacidade de oferecer a experiência para o desempenho de narrativas.

A narrativa se contempla na experiência, contudo, a troca de experiências, tão cara a Benjamin, não pertencem mais ou não somente ao narrador tradicional; a produção audiovisual, por exemplo, pode possibilitar a narrativa benjaminiana. Desse modo, o cinema assume o papel de narrar e transmitir valores; seja por meio de documentários ou tantos outros gêneros. E se não podemos mais praticar a narrativa tradicional, já que não temos mais momentos de tédio, de produção artesanal, nos resta promover significado por meio da nossa vivência atual e encontrar outras maneiras de compartilhar experiências. Afinal, o que importa é a construção de sentidos.

Benjamin (1987) nos faz refletir sobre como aprender colaborativamente com nossas

experiências, contando histórias uns para os outros. A exemplo disso, temos o educador brasileiro Paulo Freire com seu pensamento político e pedagógico, que ao longo de sua obra afirma que o acesso à educação é um direito universal e necessário para a construção de sociedades mais justas, democráticas e sustentáveis. Outro aspecto central da obra freiriana se relaciona com a educação como possibilidade de participação.

Para além dos muros da escola, a educomunicação possibilita criar conexões entre o que se aprende no âmbito escolar e o que se vive fora dele. Educar para a cidadania exige novas estratégias para despertar a consciência crítica, a fim de formar cidadãos socialmente participativos. A comunicação é capaz de oferecer recursos para auxiliar nos processos de aprendizagem, assim, a educomunicação organiza os conhecimentos de uma educação para a mídia e à recepção crítica das informações.

Considerando que este artigo gira em torno do trabalho do educador, pode-se perceber como é fundamental a interação educador-educando para potencializar uma aprendizagem mais significativa. Diante das reflexões apresentadas, percebe-se ainda que o saber da experiência na aprendizagem e a busca por possibilidades ou estratégias para sensibilizar frente às questões ambientais é indispensável e urgente.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *In*:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MARCONDES FILHO, CIRO. Quando as torres caem: ou porque não tivemos aí um acontecimento comunicacional nem jornalístico, mas filosófico. **Revista ECO-Pós**, v. 16, n. 1, p. 5-13, jan/abr. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Notebook%20Positivo/Downloads/1163-1998-1-SM.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021.

OCEANOS DE PLÁSTICO. Direção de: Craig Leeson. Documentário, 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. **Revista FGV online**, v. 4, n. 1, p. 19-34, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014a.

SOARES, Ismar de Oliveira. A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico. **Comunicação & Educação**, v. 21, n. 1, p. 13-25, 2016.